

Feuerbach, virada humanista da filosofia e crítica da subjetividade

Edineide de Jesus Santos*

O presente texto expõe a crítica de Ludwig Feuerbach (1804-1872) a uma subjetividade imersa na interioridade humana, fundada pelo Cristianismo, que foi por suaveza adotada na Modernidade, transformando-se no individualismo e no “egoísmo” modernos, no absoluto “sentimento de si”. E apresenta a sua proposta de uma subjetividade alicerçada no altruísmo, na relação eu-tu, que o pensador alemão sugere ao recuperar no homem a sua “essência genérica”, comunitária. Ela passa então a ser o fundamento normativo para a constituição moral, social, cultural e política do homem, que toma para si os atributos divinos, que na verdade pertenceriam à essência humana genérica. Dessa forma, Feuerbach procura reconduzir a filosofia a uma subjetividade intersubjetiva direcionada ao outro, sendo esta realizada no gênero humano.

Farei essa exposição baseada especialmente numa investigação pormenorizada da temática nos escritos do pensador alemão que datam do período de 1839 a 1846. Dedico-me a esse período de produção intelectual da filosofia feuerbachiana por participar da mesma concepção de Adriana Serrão, que aponta esse espaço de tempo como o mais criativo e inovador na trajetória do filósofo.¹ Esses escritos marcam o surgimento de uma nova filosofia, uma “filosofia do futuro”, fundamentada no princípio da sensibilidade.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia Contemporânea - UFBA. E-mail: edineidelogos@hotmail.com

1. Tomo também como referência SOUZA, J. Crisóstomo de. Feuerbach: Crítica da Religião, Crítica da Modernidade. In CHAGAS, E. et alii (Orgs.). *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Editora UFC, 2009.

Feuerbach pretende superar o pensamento especulativo abstrato da filosofia tradicional, por um pensar sensível, exterior, aberto à alteridade e comprometido com a prática, procurando reestabelecer no homem a sua concretude e integralidade antes suprimida pela religião. Pois, para ele, o ser real é apreendido pela sensibilidade, que envolve tanto o sujeito como o objeto, e é justamente nessa duplicidade objetiva e subjetiva que pode-se observar o “existir como um coexistir”. De maneira que o sujeito, através da afetividade, é transformado num eu-tu, um sujeito que habita o mundo e relaciona-se com os outros, estabelecendo-se assim uma comunidade efetiva. Como afirma Serrão:

É a afetividade, que transforma cada sujeito num Eu e Tu, isto é, num ser habitando o mundo com os outros, que alarga a simples coexistência em verdadeira convivência e funda uma comunidade de vida conjuntamente exercida. O sensualismo é o único fundamento possível do altruísmo.²

Em sua principal obra, a *Essência do Cristianismo*, publicada originalmente em 1841, Feuerbach apresenta, de outro lado, uma crítica radical à secularização, a decadência do cristianismo.³ Para ele, o cristianismo moderno encontra-se empobrecido, indigno de uma reflexão filosófica. De modo que, para abalar os seus alicerces, torna-se necessário atacar a sua gênese, isto é, o cristianismo primitivo, para assim desvelar o verdadeiro segredo da religião, a saber, a sua essência humana, antropológica.

É importante precisar que a crítica de Feuerbach à secularização do cristianismo, e conseqüentemente à Modernidade, tem como base o caráter ilusório e subjetivista aí presentes, proporcionado pela elevação acentuada do homem individual, do sujeito, como absoluto, livre e

2. SERRÃO, A. V. O Princípio da Sensibilidade. In FEUERBACH, L. *Filosofia da Sensibilidade. Escritos (1839-1846)*. Traduzidos e apresentados por Serrão. Lisboa: Centro de Fil. da Univ. de Lisboa, 2005, p.16.

3. FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do cristianismo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. Esta obra foi publicada originalmente por Feuerbach em 1841, e republicada em 1843 com um novo prefácio.

autônomo. Dessa forma, a sua “revolução antropológica” tem como intuito resgatar a essência *genérica* do homem, ou seja, a “realidade subjetiva do gênero”, que encontra-se deturpada pela religião e pela filosofia especulativa, abstrata, pelo idealismo.

Neste sentido, o pensador alemão observa que o fundamento das religiões monoteístas, o cristianismo e o judaísmo, concentra-se em uma arbitrária subjetividade egoísta. Ele apresenta a doutrina da criação a partir do nada como o ápice do princípio da subjetividade na religião cristã, visto que a criação configura-se como um “produto da vontade” divina em que o princípio e o fim do mundo estão determinados a existência ou não existência do universo encontra-se condicionada ao ato da vontade absoluta e subjetiva da divindade. Sob essa perspectiva, a criação “ex-nihilo” expressa à onipotência arbitrária da subjetividade e a existência instável do universo. Dessa forma, esta doutrina pode enquadrar-se no âmbito dos milagres, que por sua vez, identifica-se com a concepção de providência. O milagre da criação a partir do nada e consequentemente a doutrina da providência subordinam todas as leis da natureza à força arbitrária da vontade divina.

Assim como no cristianismo, a doutrina da criação “ex-nihilo” constitui-se como fundamento para a religião judaica, essencialmente caracterizada, segundo Feuerbach, pelo egoísmo. Esta doutrina concebe a natureza como um simples objeto da vontade, nela a natureza encontra-se sujeita as vontades e necessidades humanas, e, sob essa concepção, é entendida apenas em sentido prático-utilitário. Assim como afirma Feuerbach:

O utilitarismo é a intuição essencial do judaísmo. A fé numa providência divina particular é a fé característica do judaísmo, a fé na providência é a fé no milagre; mas a fé no milagre só existe onde a Natureza é vista apenas como um objeto do arbítrio, do egoísmo que usa justamente a Natureza apenas para fins arbitrários.⁴

4. FEUERBACH, *A Essência do Cristianismo*, p. 135.

A postura do paganismo, dos gregos, em relação à natureza, apresenta-se de forma diferenciada, pois para eles a natureza é constituída como fim e fundamento de si mesma, e como parte constituinte da essência humana. Sob esse aspecto, a relação do homem com a natureza ocorre de forma teórica, ou seja, de modo contemplativo e harmonioso com o mundo. É justamente para essa concepção de natureza que Feuerbach demonstra inclinação. De acordo com o pensador alemão, “o egoísmo é essencialmente monoteísta”, pois tem como única finalidade ele próprio, o exacerbado e intolerante sentimento de si, que torna o homem limitado em sentido teórico.

Sob essa perspectiva, Feuerbach critica não apenas a religião, mas também a filosofia especulativa. A Modernidade absorve do cristianismo a sua postura individualista, o absoluto sentimento de si que aliena o homem de si mesmo. Em seu texto “Para a crítica da filosofia de Hegel”, publicado em 1839, o pensador alemão critica o caráter abstrato, absoluto e subjetivista do idealismo alemão que acentua de forma elevada o sujeito autônomo e consciente de si, subjugando assim a própria natureza ao “eu absolutizado”. A arbitrariedade da criação *ex nihilo* demonstra o caráter subjetivista-egóico e anti-naturalista expresso nessa doutrina o que acabou repercutindo sobre a modernidade idealista.

Também o idealista via na natureza vida e razão, apenas como a sua própria vida, como a sua própria razão; o que ele via nela tinha sido ele próprio a introduzir; por isso, o que ele dava à natureza voltava a recuperá-lo para si próprio: a natureza é o eu objetivado, o espírito intuído por si mesmo fora de si. O idealismo era já uma identidade de sujeito e objeto, de espírito e de natureza, mas de um modo tal que nesta unidade a natureza apenas significava o objeto, o posto pelo espírito.⁵

Neste sentido, Feuerbach critica a concepção do Nada hegeliano, interpretando-o como total “ausência de pensamento”, isto é, como

5. FEUERBACH, “Para a Crítica da Filosofia de Hegel”, em *Filosofia da Sensibilidade. Escritos (1839-1846)*, op. cit., p.65.

a “negação do pensar” que como uma ilusão envolve uma atitude vazia da vontade. De modo que a criação a partir do nada torna-se inconcebível, já que o nada nega a si mesmo. Segundo Feuerbach, o nada como o oposto do ser não passa de um produto da imaginação. Esta oposição entre ser e nada não é uma oposição metafísica, ela recai sob o domínio do determinado, “na relação do ser singular com o ser universal, do indivíduo” (p.74). Contudo, esse indivíduo somente representa e reflete o gênero, considerando-se que o indivíduo que reflete é justamente o indivíduo que tem em si a consciência do gênero. Neste caso, o gênero mostra-se como “a indiferença relativamente ao indivíduo singular”.

O nada é o absolutamente desprovido de pensamento e de razão.
O nada não pode de modo algum ser pensado, porque pensar é determinar, como o próprio Hegel afirma; por consequência, se o nada fosse pensado, seria determinado, logo já não seria nada.⁶

Feuerbach, portanto, refuta este princípio de subjetividade, presente no cristianismo, no judaísmo e sucessivamente no idealismo alemão, e remete sua reflexão para um ponto de vista materialista comunitário afetivo. Dentro desse escopo, Feuerbach promove na modernidade filosófica uma virada antropológica que enfatiza em sua filosofia a essência genérica dos homens e não o homem individual. De modo que a consciência do gênero corresponde à presença efetiva de uma dualidade na vida humana, isto é, interior e exterior, e assim o homem é capaz de ser para si mesmo, concomitantemente, eu e tu. Esta virada antropológica ocorre num rumo materialista, natural, sensualista e altruísta, em que o homem toma para si os predicados atribuídos à divindade. Ele pretende, assim, que afirmarmos qualquer dos atributos divinos é afirmarmos a nós mesmos, de forma indireta,

6. FEUERBACH, A *Essência do Cristianismo*, p. 70

na religião, pois que, no cristianismo, a consciência do objeto é no fundo uma autoconsciência.

Sob esse aspecto, Feuerbach demonstra que na religião cristã o homem substitui o homem consagra indiretamente uma postura antropocêntrica, pois é a causa e a finalidade de todas as ações divinas, pois tudo aquilo que o homem acha que é mais valioso e virtuoso para si, ele coloca em Deus, isto é, amor, verdade, justiça. O homem, de outro lado, na religião, não é virtuoso, mas é o outro de todas as virtudes. Todavia, essa aparente autonegação é na realidade apenas autoafirmação. Quando ele adora um ser moralmente bom, ele apenas está adorando na figura da divindade a sua própria essência moralmente boa. “Pois aquilo que é dado ao Deus do homem é na verdade dado ao próprio homem; o que o homem afirma de Deus afirma-o na verdade de si mesmo”.⁷ De modo que são os predicados constituídos como valores morais, e que pertencem “naturalmente” à essência humana, que Feuerbach pretende recuperar. Contudo, sua compreensão encontra-se deturpada pelo véu da ilusão religiosa e pelo absoluto sentimento de si que caracteriza o idealismo/subjetivismo moderno.

Segundo Feuerbach, todas as determinações ou predicados atribuídos à divindade são essencialmente de caráter humano. Negar os predicados é a mesma coisa que negar a própria essência e por isso a sua existência. Desse modo, afirmar a ausência de determinação ou a incognoscibilidade de Deus é uma marca da – má - secularização da Modernidade. Ao declarar esse dogma, o homem justifica, perante a consciência religiosa, a falta de qualquer interesse pelo conhecimento da divindade, dando importância apenas à realidade sensível, negando assim o divino na prática por suas ações e inclinações para o mundo. Não o nega na teoria, pois continua dizendo crer na existência de Deus, mas isso não passa de uma forma “sutil e astuciosa de ateísmo”.

7. FEUERBACH, *A Essência do Cristianismo*, p. 35.

Outra maneira de negação dos predicados é afirmar que eles não possuem uma significação objetiva acerca de Deus, mas que são como podem aparecer a mim, ser humano. Contudo, esta distinção inconsciente entre o que Deus é em si e o que é para mim estabelece uma tensão na religião, pois é impossível saber se o que Deus é em si é diferente do que ele é para mim. Pois, como afirma Feuerbach, “é justamente nesses predicados que são para mim que reside o seu ser-em-si-mesmo, a sua própria essência.⁸ Desse modo, pode-se ter uma representação subjetiva de um objeto, mas esta representação deve corresponder à medida do gênero. Assim, a distinção entre ser-em-si e ser-para-mim torna-se nula, pois a medida do gênero é absoluta no homem.

Para Feuerbach, a necessidade do sujeito (Deus) reside apenas na necessidade do predicado (amor, onisciência, onipotência, verdade, vontade, etc.). A certeza da existência do sujeito procede da certeza nos predicados ou propriedades humanas. Neste sentido, o sujeito é a personificação do predicado, distinguindo-se apenas como existência e essência. Por isso a negação do predicado implica necessariamente na negação do sujeito. Dessa maneira, anular os atributos divinos afirmando a sua incognoscibilidade é um sinal visível de verdadeira irreligiosidade, ou seja, é uma negação da religião. Como afirma Feuerbach:

Se se provou então que aquilo que o sujeito é reside exclusivamente nas determinações do sujeito, ou seja, que só pelo predicado é que o sujeito é para nós objeto na sua essência, também se demonstrou que, se os predicados divinos são determinações da essência humana, também o sujeito deles é de essência humana.⁹

Os predicados divinos apresentam-se como metafísicos, universais e pessoais. Contudo, para a compreensão das determinações particulares da religião, os predicados pessoais assumem a primazia em

8. FEUERBACH, *A Essência do Cristianismo*, p. 27.

9. FEUERBACH, *A Essência do Cristianismo*, p. 30.

relação aos metafísicos. Visto que, a essência da religião é constituída pelos predicados pessoais, por isso para o homem religioso Deus é pessoa, é legislador, é bom, é pai dos homens, é tudo aquilo que ele julgar como adequadamente moral. Para a religião tais determinações não são representações nem imagens feitas pelo homem acerca de Deus, diferente do que Ele é em si mesmo, mas verdades, realidades, pertencentes à essência de Deus. Por isso, segundo Feuerbach, “a religião nada sabe de antropomorfismo”.

Feuerbach observa que para a religião somente os atributos humanos pertencentes à essência divina são intuídos de forma positiva. Sob esse aspecto, quanto mais humano Deus é em sua essência mais se acentua o aparente antagonismo estabelecido entre Deus e o homem, que nega-se a si mesmo para afirmar-se na divindade. Esse estranhamento da essência humana gera alienação e conseqüentemente uma pseudo-humilhação. É por isso que esta autonegação nada mais é que apenas auto-afirmação, pois tudo aquilo que o homem renuncia como humano é resgatado no divino em um nível muito mais elevado. Feuerbach exemplifica esse fenômeno através do voto de castidade de monges e freiras que abdicam do amor real, mas tem como recompensa no céu o amor ideal representado na figura da virgem Maria e de Cristo. Perante Deus, o homem nega o seu saber, a sua vontade e o seu amor. Na verdade, tudo aquilo que o homem acha que é mais valioso e virtuoso para si, ele transfere para o divino, tornando-se o outro de todas as virtudes. Todavia, tudo aquilo que é negado no homem é reafirmado em Deus.

Feuerbach propõe para a secularizada Modernidade filosófica uma “ética da alteridade” em que o homem é posto no lugar de Deus, com o abandono do egoísmo subjetivista cristão, para que assim o outro possa assumir o lugar do eu, promovendo um resgate da essência genérica humana, deformada pelo cristianismo e pela filosofia especulativa, e colocada agora por Feuerbach como fundamento normativo universal.

Segundo Feuerbach, o princípio – naturalista e materialista - da sensibilidade é o fundamento para a alteridade, pois, ao envolver tanto o subjetivo como o objetivo e ao exercer uma capacidade de alternância entre atividade e passividade, possibilita a compreensão do outro e de suas vicissitudes.

Esta relação de reciprocidade é característica da esfera humana, da realidade dos sentidos, pois somente um ser sensível é capaz de objetivar-se passivamente, transformando-se de um eu em um não-eu, ou seja, num tu. Esta relação envolve um princípio de unidade de eu e tu, em que o indivíduo é capaz de reconhecer-se através de uma relação intersubjetiva com o outro numa “dialética do altruísmo”, na qual o sujeito pode ser entendido como “um ser em relação”, enfatizando a concepção de que “o existir é um coexistir”. Como afirma Feuerbach, em seu texto, *Princípios da Filosofia do Futuro* (1843):

O homem singular por si não tem em si a essência do homem, nem como ser moral, nem como ser pensante. A essência do homem está contida unicamente na comunidade, na unidade do homem com o homem – uma unidade que todavia se apoia unicamente na realidade da diferença de eu e tu.¹⁰

Contudo, é somente na sensibilidade afetiva, no sentimento, no amor, que o indivíduo ascende a uma ética altruísta, estabelecendo assim, um vínculo comunitário, uma vez que apenas pelo sentimento é que indivíduos diferentes podem concorrer para um mesmo fim. Por isso, o filósofo alemão afirma que o amor é materialismo, pois este é atividade sensível, real, existente. De modo que, o amor, por possuir um caráter universal, autônomo, por ser uma das perfeições que constituem a essência humana, possui a primazia dentre todos os sentimentos.

10. FEUERBACH. Princípios da Filosofia do Futuro (1843). Em FEUERBACH. *Filosofia da Sensibilidade*, op. cit., p. 154.

Segundo Feuerbach, o amor é a evidência do ser, é a comprovação ontológica da existência de um outro, isto é, um não-ser, legitimada por uma reciprocidade amorosa. Contudo, esta relação afetiva amorosa ocorre somente entre seres semelhantes, na realidade do gênero humano, ou seja, “no amor do homem pelo homem”. “O amor identifica o homem com Deus, Deus com o homem e, por isso, o homem com o homem.”¹¹ Sob este ponto de vista, Feuerbach elimina o caráter ilusório de um Deus pessoal e transcendental estabelecido pela religião cristã, para pôr no seu lugar uma concepção natural-humanista, em que os predicados, isto é, os valores naturalmente pertencentes à essência humana (que foram atribuídos à divindade), sejam resgatados em sua essência genérica, tornando os indivíduos autônomos e desalienados, trazendo assim uma luz sobre a relação Eu-Tu, a relação que se estabelece como abertura para outro na realidade sensível, tornando concreto o vínculo comunitário. Por isso, a antropologia feuerbachiana marca o desvelamento da teologia e de suas representações dogmáticas; seu “ateísmo” nada mais é que um ateísmo antropológico, pois ele nega a divindade enquanto atributo, mas coloca no lugar de Deus o homem-valor enquanto gênero.

Referências bibliográficas

FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

FEUERBACH, “Para a Crítica da Filosofia de Hegel”. In *Filosofia da Sensibilidade. Escritos (1839-1846)*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.

FEUERBACH. “Princípios da Filosofia do Futuro”. In FEUERBACH. *Filosofia da Sensibilidade. Escritos (1839-1846)*, Lisboa: Centro de Fil. da Univ. de Lisboa, 2005.

11. FEUERBACH, *A Essência do Cristianismo*, p. 301.

SERRÃO, A. V. “O Princípio da Sensibilidade” (apresentação). In FEUERBACH, L. *Filosofia da Sensibilidade. Escritos (1839-1846)*. Lisboa: Centro de Fil. da Univ. de Lisboa, 2005, p.16.

SOUZA, J. Crisóstomo de. Feuerbach: Crítica da Religião, Crítica da Modernidade. In CHAGAS, E. et alii (Orgs.). *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Editora UFC, 2009.